

M A R C E L L E A Z E R E D O

Morrer de
sede
em pleno
MAR

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023



1

A MAIORIA DAS ESCOLHAS DIFÍCEIS da minha vida foram tomadas por outras pessoas.

Meu pai entrou no barco para Santos. Uma viagem longa carregada de esperança e novas perspectivas; Anacleto fez o convite para ele trabalhar no quartel como carpinteiro. Ele foi sozinho, mala pequena, coração disparado, pois sem sonho a vida é miséria. Com ele, a foto de cada uma de nós, as Marias, uma a uma.

Levamos papai no porto, um acontecimento, uma banda de música tocava no meu peito. Eu pensava no dia que iria cruzar aquele Mar. Papai ia para isso, para abrir caminho para uma vida nova, no Sudeste. Parecia distante. Soava impossível. Não sabia por quanto tempo seria aquela despedida. Tudo vago, hipótese, promessa. Eu via balões em cima da cabeça, fogos de artifício. Era como se meu pai fosse um político importante, de terno, único que tinha, chapéu, cigarro e suas

ferramentas. Seu corpo... e na memória o desejo de desbravar o desconhecido. O barco dava os sinais de partida, roncava os apitos. De longe, a silhueta de papai.

Amanheci a mesma.

Rompi as cascas, tirando o peso das ideias tristes.

Não está na pauta nada que desagrega.

Desapego das fórmulas mágicas.

A alma fica mais disponível para se encher de cor e sentir febre.

Disciplina para a disponibilidade.

Todo dia pode ser seu ano novo.

Cada dia que você vive você escolhe e escolhe, algo, alguém e a forma que vai olhar para a vida.

Hoje eu escolhi a mim mesma para começar.

2

21 DE DEZEMBRO.

Os cinco barcos entram no Mar para a pesca anual de camarão. Toda a minha família dividida entre eles – avós, pai, mãe, tio, primos, até os pequenos. São quatro dias na água em grande procissão, celebração de fartura, chuva impetuosa e convivência inflamada.

Meus pais fizeram promessa para São José do Ribamar para ter um varão. Minha mãe custou a engravidar, uns dois anos pelo menos. Muitos murmurinhos na cidade, até duvidaram da masculinidade do papai, outros falavam que era estéril. Ele era um homem bom, devoto ao trabalho de carpinteiro. Trabalhava muito. Era exímio em bancos, cadeiras e mesas. Muitas casas de São Luís têm suas peças, feitas no quintal de nossa casa, sua oficina.

Mamãe andava quieta, porém, naquele dia, a chuva deu trégua e ela era experiente na pesca. Pelas 18 horas,

ergueu-se com toda força e lançou ao Mar seu puçá. Com o esforço, sentiu uma água morna pelas pernas, que não era salgada. Logo um alvoroço, meu pai a gritar pela prima parteira no barco vizinho. Não demorou muito e um clarão se abriu, a estrela no céu veio para reverenciar a minha vinda, no meio do Mar.

O barco veio acompanhado, como em uma regata, para a praia. Parecia dia de Iemanjá e suas oferendas. Eu enrolada na camisa de papai, manto sagrado e quentinho. No seio, meus primeiros minutos foram de um ano novo de paz e aconchego.

Não era o José que minha mãe esperava e queria. Sua súplica não foi atendida. Não tive mais colo. Mamãe sentia uma dor na alma. Colocou-me na folha de bananeira. Chorava copiosamente. Papai me pega no colo, sente em silêncio. Ao me ninar pronunciou meu nome, Carminha, Maria do Carmo. Vovó Zita me assumiu até quase os cinco anos. Cresci com leite de cabra, em um quintal aberto, muitas árvores frutíferas, brincadeiras de roda e uma casinha de bonecas. Papai tinha feito para mim, com esmero, mesa, cadeiras, cama, sofá, armário, cômoda. O telhado abria por cima.

Eu não tinha muitas bonecas, ainda assim, as minhas foram feitas todas por vovó Zita, de pano, retalhos, cabelos de lã e roupas de crochê. Eu contava histórias para elas dormirem, tudo que esperei que minha mãe fizesse nesses quatro anos com vovó. Vi mamãe poucas vezes na primeira infância e por duas vezes, grávida. E não era de José. Nasceram Maria das Dores e Maria das Graças. Papai sempre queria me levar para casa. Eu me escondia. A casa de vovó Zita era porto seguro, minha âncora.

Mãe na minha cabeça era alguém que me daria respostas. Às vezes duras, as que nem queria, mas todas dadas com amor. Contudo, minha mãe nunca me deixaria sem respostas e seriam as melhores. Olhar é resposta, aceno é resposta, abraço é resposta. Qual é a pergunta que nunca fiz? As respostas de minha mãe foram ausências.

Em outro dezembro, época da pesca, a família se reuniu para ir para o Mar. Meus pais não iam, mamãe aguardava mais um bebê. Eu, no alto dos meus quatro anos, falei com vovó Zita que não era para irmos. O barco não ia voltar. Vovó ralhou e insistiu. Eu me escondi na vizinha. Vovó cedeu e se convenceu. Foram para a pesca meus tios, tias, primos, grandes e pequenos.

Era 23 de dezembro, chegava à praia uma fila de corpos. Minha vó arrebatada. A família enlutada e partida. Acabara a tradição da pesca de camarão.

Eu virei entidade, a vidente.

CONTATO
marcelleaz@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2023.
